

isto, perfeitamente cómodo e cubicável, pouco é na vida». (*Recreação*, I, pág. 43).

«Só o amor tem o condão de não poupar ninguém e, cedo ou tarde, a alma mais cruel rende-lhe homenagem. Também, não haja dúvida, é mais para rezear que um naufrágio; só há uma maneira de o vencer: retirando. Contra um inimigo desta ordem, a verdadeira coragem consiste em ter medo e deitar a fugir; mas a fuga, sem se permitir olhar para trás». (*Ibidem*, 49). Tem, portanto, lógica congruência com a sua atitude ante o outro sexo a sua dúvida da beleza perfeita, da inteligência, da firmeza moral, da capacidade política da mulher. «A sapiência da mulher deve ser como o sal na cozinha, nem muito, nem pouco, regrado». (*Ibidem*, pág. 153). Louvando a Filipe II como estadista, em termos inesperados dum português, protestante e vivendo meio século nos países forjadores da lenda regra, exclama: «¿Pode haver maior erro que o de confiar o govêrno dos Países Baixos a uma mulher e um padre»? (*Ibidem*, II, pág. 83). O homem que pressentiu a teoria das intermitências da vida afectiva e o cambiante resvaladiço da *amitié amoureuse*, poderia ter aplicado o mesmo critério penetrantemente realista à pintura da pobreza, o tema experimentado por igual, mas preferiu só a abeirar para fazer alarde duma independência orgulhosa, que supponho nem sempre manteve.

O DONJUANISMO DE GARRETT

Ao contrário do Cavalheiro de Oliveira, Garrett, o nosso grande reformador romântico, veio da tranqüilidade dum lar legal para o borboletear donjuanesco. Casado em 1822 com uma formosura tão deslumbrante e duradoura que ainda em pleno outono fazia devotos, um desentendimento intransigente dissolveu o lar em 1839, quando a morte já lhe havia levado os filhos.

Foi na noite da representação da sua tragédia política *Catão* que o poeta conheceu Luísa Midosi, apenas saída da adolescência. A celebridade literária, o ruído político e a exaltação sentimental aliavam-se freqüentemente nesses dias de alvor da plena opinião liberal. Nas *Memórias do 7.º Marquez de Fronteira*, recentemente reveladas pelo meu amigo Campos de Andrada, assistimos a um improvisado oratório do poeta, por êsses tempos, quando chegou a Lisboa a notícia da revolução do Pôrto, uma noite, no Teatro de S. Carlos, que foi durante dois séculos congresso de elegância, de alta cultura artística e opinião política.

Até ao casamento, por Coimbra, onde estudou, pelo Pôrto, donde era natural e aonde acudia freqüentemente, e pela ilha Terceira, solar da sua família, Garrett já exercera a sua volubilidade sentimental, o seu dandysmo e certa impudência gabarola, em que coincidem êle e o Cavalheiro de Oliveira. Há Analias várias presentes nos seus versos prè-românticos, mas há também a confissão do que êle chamou a sua religião dos olhos pretos e cabelos pretos, a que permaneceu sempre fiel.

Três vezes emigrou por motivo das alterações políticas do país — 1823, 1828 e 1829; durante grande parte dêsses exílios teve por companheira a espôsa. A Inglaterra foi o refúgio preferido pelo escritor; êle representa mesmo o matiz inglês do nosso romantismo, como Herculano o germânico, como Castilho o que de clássico logrou subsistir na grande renovação estética, ainda que todos três se irmanassem no carácter nacionalista, inseparável do romantismo. Certa visão da paisagem na sua melancolia crepuscular, a poesia das ruínas, o culto de Shakespeare, o amor das tradições populares, o conforto e a elegância do lar, vivos sempre no seu gôsto, consolidaram-se ao contacto da civilização inglesa, com que pôde intimar. A família Hadley, de Edgbaston, condado de Warwick, acolheu no seu seio aos dois esposos com verda-

deira finura britânica. Dêsse convívio estreito há muitas reminiscências na sensibilidade do artista e no gosto do homem: versos do *Camões* e compilação do *Romanceiro*, episódios da carta auto-biográfica das *Viagens na minha Terra*.

O reinado de Brummel terminara, apagara-se num voluntário exílio em Calais, mas a sua recordação estava ainda bem viva, porque o genial *dandy* personificara como ninguém a graça, a vaidade elegante, o atrevimento, o janotismo inovador e individualizador, a ironia defensiva de casta.

Suponho que não faço um paradoxo, quando afirmo que Jorge Brummel representa o espírito inglês tanto como qualquer outro grande artista.

Garrett sentiu a elegância inglesa nos seus aspectos mais peculiares e mais íntimos, mas tomou do dandismo brummeliano só a medida harmonizável com o seu donjuanismo, aliado, mas dominador, como certos entendimentos políticos entre partes desiguais.

Quando o triunfo definitivo da causa liberal o chamou ao serviço público, era um *dandy* perfeito. A sua personalidade desenhara-se, estava na plenitude, com trinta e sete anos, tinha um programa de vida, já renovara a poesia portuguesa com algumas obras primas, mas continuava a debater em si o drama da pobreza. Em Bruxelas, como Encarregado de Negócios, deslumbra pela elegância, pela espiritualização da moda; diz um biógrafo que chegaram a correr ali modas à Garrett. A mulher é sua aliada nessa pública actuação, mas só no proscénio, como sucede com os artistas associados em scena e sempre em querela nos bastidores. E nos bastidores convêm na separação definitiva.

A dissolução do seu lar, a memória do seu triunfo pessoal, a maturidade plena da personalidade e a amargura dantesca duma pobreza humilhante, que deixou na correspondência oficial o mais doloroso documento — são a bagagem com que regressa a Lisboa, a Lisboa do setembrismo,

aristocrática por tradição, demagógica por influência da ditadura de Passos Manuel, em plena febre renovadora, com saúdes esperanças do antigo régimen, sempre ameaçador. Era o momento oportuno. Fraguava-se a nova sociedade liberal; carecia-se dum condutor do gôsto. É o reinado de Garrett-Brummel e Garrett-Don Juan. Dura dezassete anos, menos que o de Brummel e certamente muito mais que o do grande Burlador de Espanha, que com ser moço se justificava e por ser moço ganhava a indulgência do tio embaixador em Nápoles:

Tio y señor,
Mozo soy y mozo fuiste,
Y pues que de amor supiste,
Tenga disculpa mi amor.

(*El Burlador de Sevilla*, Tirso de Molina, 2.^a ed.
Américo Castro, pág. 201).

Esa mocedad te engaña

(*Ibidem*, pág. 203).

Não, o donjuanismo de Garrett é a plenitude da inteligência criadora, é o superlativo conjunto das mais altas virtualidades do seu espírito, a formar-nos um dos maiores homens de Portugal de todos os tempos, grande pelo que de si deixou, maior pelo fúlgido prestígio que ainda hoje irradia, maior pela homenagem de rabida reacção da mediocridade coetânea e postera.

Foi um reformador social, de influência mais funda e perduradora que muitos dos legisladores do novo régimen, porque a sua reformação tinha alma e vida. Ao mesmo tempo que restaurava os géneros dramáticos, o autor do *Frei Luiz de Sousa* ensinava a sociedade do seu tempo a vestir-se, criava a arte da elegância, sistematizava pelo exemplo a arte do lar, — que aprendera nessa verde Albion dos seus exílios, — ensinava o gôsto das flores e ensinava a amar à Lisboa conturbada em revoluções contraditórias.

Em meio das variações políticas, êle não teve perplexidades, não se deixou tomar dêsse tecer e destecer político, porque trazia em si um impulso e um rumo, e a todo êsse dinamismo ascencional convergiam cíclicamente, numa harmonia de equilíbrio, tôdas as ricas virtualidades do seu espirito.

Poeta, orador, conversador, ironista, vaidoso, elegante, dotado da graça atraente e sedutora, em tudo grande, tinha a mais que Brummel a auréola da glória literária e a menos a sua indiferença erótica, porque o amor foi um constante escôpo da sua vida :

Êste inferno de amar — como eu amo !
Quem m'o poz aqui n'alma... quem foi ?
Esta chamma que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destroe —
Como é que se veio a atear,
Quando, — ai, quando se há-de ella apagar ?

(*Lyrical*, II, pág. 128, da ed. de 1904).

O amor era neste D. Juan o colaborador, o mantenedor da personalidade, sempre rendida ao culto do eterno feminino: da primeira mocidade conserva recordações que o tempo doura de melancólico matiz; do casamento a decepção acre de se ver abandonado quando já escalava a última ladeira do triunfo, por uma alma para cujo cultivo dera os melhores cuidados; do seu regresso ao donjuanesco voltear, os formosos versos com que o comentou, sentimentalmente tão sinceros como filosoficamente o são os de Antero de Quental, perpétuo namorado das ideas.

Mas jãmais o despeito, a curiosidade dos biógrafos ou a calúnia dos inimigos lhe arrancou uma palavra de recriminação ou explicação sôbre o amargo enigma da sua vida conjugal. Apenas se publicou aquele eufemismo de Gomes de Amorim, que pôde ler todos os seus papéis:

«Aquele puro affecto... foi-lhe arrancado do seio com

peor golpe que o da morte». (*Memórias*, II, pág. 198). E a espôsa, muito mais nova, sempre assistida por êle, pôde viver longamente, revertendo à trivialidade e ao anonimato, trocando mais tarde o seu título de viúva de Garrett pelo de mulher dum burguesito de Paris, vivendo o século todo naquela indiferença, com que se acercou e afastou do homem que revelara o amor vivo á sociedade romântica, desvendando-o, arrancando-lhe a aljava e os petrechos arcádicos, para o restituir à realidade, para o complicar de novas artes e novas belezas. Foi êle que ensinou a conjugar nos salões lisboetas o verbo *to flirt*, mas no puro, castiço sentido inglês, não na desnaturada acepção que veio a ganhar em Espanha; foi êle que, numa grande irradiação da sua alma estética, criou o gôsto do lar artístico, — porque a sua ideação precisava duma moldura própria. O seu esteticismo vivo liga-se à paciência colecionadora e dinheirosa de D. Fernando II e à crítica de Rackzinsky, formando a trindade restauradora das curiosidades artísticas em plena iconoclastia liberal, e antecessora da pujante floração moderna da história da arte portuguesa.

Garrett não se dedignava de entabular com tôda a gravidade correspondência sôbre pequenas coisas, que a magia do seu gôsto volvia em peças essenciais na grande construção estética da sua vida: sôbre flores, sôbre vestuário, modas e utensílios de toucador, aproveitando até os agentes consulares no tempo da sua passagem pelo Ministério dos Estrangeiros, sôbre mobiliário, quando conseguiu ter uma casa, e sôbre etiqueta e formulário de tratamento — ainda que lhe chamasse matéria «vaga e nula».

Há na sua vida fatuidade que é o exagêro ridículo da vaidade. Sim, de certo, mas o desequilíbrio ante o ritmo e a ideologia da sociedade ambiente, e a malévola incompreensão tornam explicáveis esses desvios. O homem superior não desconhece que o é, mas sofre do desconhecimento dos outros

e é muitas vezes levado a explicar-se a si mesmo, a pegar no queixo dos seus contemporâneos cabisbaixos para que ergam os olhos até êle. Alguns prólogos das suas obras, assinados pelos editores, mas redigidos por êle, atestam essa triste necessidade de ser exegeta de si mesmo e a impaciência do quási isolamento em meio duma sociedade que não prezava grandemente a aristocracia espiritual.

Era, volvida em acometividade auto-explicativa, a melancolia do grupo selecto dos *Vencidos da vida*, do fim do século, assim chamados por um dêles, Oliveira Martins, que sendo os melhores não venceram. Era de certo modo o sentimento do pintor que se retrata ao espelho, apresentando a sua visão de si mesmo, — e os pintores fazem crítica e pensam com côres; é a sua linguagem, como a palavra era a de Garrett.

Os defeitos deitam raiz nas virtudes ou nas qualidades mais relevantes — é triste condição humana.

Não faltou nos seus papéis a nota fátua do Don Juan, que confessa a audácia das suas poligâmias ou que abraça num sorriso de memorialista orgulhoso o panorama das suas aventuras:

«Os 7 pecados mortais.

«Podia ser o titulo de um volume curioso em que se contassem meus 7 principais namoros.

«1 — Soberba — Isabel H.

«2 — Avareza — Thomazia.

«3 — Luxuaria — Bauhia.

«4 — Ira — L.^a R.^r.

«5 — Gula — Rosa Robinson.

«6 — Inveja — Julia R.ⁿ.

«7 — Preguiça — Lady Pag.^t».

(Amorim, *Memorias*, III, pág. 581-2).

O Cavalheiro de Oliveira viveu mais para poder tornar o seu donjuanismo uma arte reflectida e não sofreu dos contrastes do ambiente. Pôde por isso escrever: «Falandocom sinceridade — dizia a ilustre Scudéry — os homens são em geral tão indiscretos que é quasi uma temeridade confiar-lhes a ternura que tenham podido inspirar-nos, muito acautelada que ela ande, e menos ainda por cartas que por finezas de vozes. Devido a êste justo receio mais que a natural inclinação, é que as mulheres usam de fingimentos, dissimulações e tôda a casta de artifício em matéria de amor». (*Recreação*, I, pág. 65).

Mas, a par dêsses aspectos frívolos ou risíveis, quando separados do poderoso conjunto da sua personalidade, o seu donjuanismo reveste os mais fecundos matizes, como grande estimulador que foi da sua criação. Levou-o a ocupar-se de educação feminina e a iniciativas perduradoras, como essa do Conservatório Nacional com que se iniciou o nosso ensino artístico; a defender a mulher dos preconceitos adversos à arte histrionica; a idear a galeria de doces tipos femininos que povoam a sua obra; a debater uma grande tragédia conjugal no seu *Frei Luiz de Sousa*. Foi um D. Juan que se esmerou em pintar a vitória do sacramento do matrimónio cristão sobre o amor e em idealizar com as suas melhores côres as vítimas do seu próprio borboletear amoroso. Nos retratos, que faz das três irmãs inglêsas, de Georgina e dessa imortal Joaninha das *Viagens na minha terra*, há um pouco daquela generosidade do capitão vencedor que se compraz em engrandecer o adversário, sabendo que assim aumenta a vitória. E essa visão do carácter feminino, viva de piedade e de realidade, é que foi nova na nossa literatura. Quando escreveu de Joaninha que não era bela, iniciou o processo de reabilitação das feias.

Um lar ilegalizável, por impedimento das suas circunstâncias pessoais, mas digno e acatado, prendeu-lhe por alguns

anos as asas inquietas e deu-lhe a filha única que lhe sobreviveu, a quem eram destinadas as enternecidas e nobres cartas — que o Don Juan, de Tirso, nem mesmo o de Zorrilla, poderia ter escrito. Para juntos repousarem, êle e a companheira leal, ergueu um monumento tumular. Isto também não faria D. Juan Tenório.

Quando atingia a idade, que o Cavalheiro de Oliveira melancolicamente considerava de aposentação da arte do galanteio, ao ver as formosas donzelinhas de Saint-James Square, uma paixão violenta mostrou como êste donjuanismo garrettiano era solidário com tôda a ascensão espiritual, apenas um aspecto da sua maturidade. É o idílio, célebre na nossa história literária, da Viscondessa da Luz, que escandalizou a Lisboa do fim do «cabralismo» e da «regeneração», que quasi desvairou o poeta, mas que se expressou em cartas veementes, que todos procuram ler há três quartos de século, e nessas vibrantes *Folhas Cahidas*, canto do cisne moribundo.

Segundo o seu principal biógrafo, Herculano, tão diferente de Garrett, mas para êle sempre tão longânime, ter-se hia antecipado ao juízo dos posteros: «Este livro fará que se lhe perdôe tudo!» (*Memórias*, III, pág. 400).

Não teve a mesma visão crítica, Romero Ortiz, quando escreveu após uma curta análise que já por si contradizia o seu laudo: «Garrett consideraba *Folhas cahidas* como el más preciado y excelente de sus libros, cuando hubiera hecho más por su propia gloria arrojándole á aquella hoguera que consumió sus ensayos dramáticos de Coimbra». (*La Literatura Portuguesa en el siglo XIX*, Madrid, 1869, pág. 210). Esta obra prima do nosso lirismo romântico está duplamente ligada a Espanha, porque recorda uma equivocação da crítica espanhola e porque espanhola foi a sua musa inspiradora.

As cartas abundantíssimas, que dêsse amor serôdio nas-

ceram, não as creio de interêsse como documentos de expressão literária do donjuanismo. A intimidade da paixão, sem a compostura à que obriga a pública exibição, é quasi sempre ridícula. Contudo, uma curiosidade pouco discreta há muito persegue essas cartas. Trezentas eram as devolvidas por Gomes de Amorim como testamenteiro à signatária, quando, com outro amigo, procedeu à queima das cartas que enlouqueceram de amor ou vaidade ao poeta, acto simbólico e solene como a queima das novelas cavalheirescas, que endoideceram a D. Quixote. (*Memorias*, III, pág. 405). Mas as de Garrett não foram restituídas, antes foram dadas também por queimadas pela destinatária, que assim se desprendia involuntariamente dum título de celebridade. Não obstante existem ainda vinte e duas, revelou-o em 1913 Júlio Brandão, poeta e prosador de primeira água.

E logo do zenite pleno, o astro declinou rapidamente e tombou no mar do grande mistério. Morria em plena glória o poeta, em seguida a um dos mais ruídosos triunfos de nossas letras, o *dandy* no momento em que architectava a pequena capela da sua autolatρία, e o D. Juan no auge da magia sedutora. Quis morrer no palacete, caprichosamente mobilado e adornado, sob a sua constante intervenção; todos os seus carinhos de artista, todo o longo aprendizado de mobiliário, tapeçarias, cerâmica e etiqueta, todo o esforço económico do pobre com instintos de rico, se destinaram só a êsse fim: preparar uma moldura adequadamente bela para a alma mais elegante do seu tempo — elegância que coexistiu com o espiritualismo mais alto, confessado em vibrantes poesias religiosas, elegância que fêz do donjuanismo uma criação nova, mas sempre uma rendida servidão à mulher. A divindade era a mesma, mas a liturgia sublimara-se.